

## AS CONTRIBUIÇÕES DE VICENTE SALLES (1931-2013) PARA OS ESTUDOS DA LITERATURA DE CORDEL NA AMAZÔNIA

### THE CONTRIBUTIONS OF VICENTE SALLES (1931-2013) FOR THE STUDY OF CORDEL LITERATURE IN THE AMAZON

Geraldo Magella de MENEZES NETO\*

RESUMO: O objetivo do artigo é o de analisar as principais contribuições do antropólogo e folclorista Vicente Salles (1931-2013) para os estudos da literatura de cordel na Amazônia. Salles foi o pioneiro nas pesquisas sobre o cordel na região, sendo responsável também pela formação do principal acervo de folhetos de cordel do Norte do Brasil, o Acervo Vicente Salles, localizado no Museu da Universidade Federal do Pará, em Belém. O trabalho analisa dois estudos de Vicente Salles: o artigo “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”, publicado em 1971, e o livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, publicado em 1985. Entendemos que tais estudos são fundamentais para se compreender a produção e circulação do cordel na Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia. Literatura de cordel. Vicente Salles.

9

---

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the main contributions of anthropologist and folklorist Vicente Salles (1931-2013) for studies of cordel literature Amazon. Salles was a pioneer in research about cordel in the region, being also responsible for the formation of the main body of cordel booklets of northern Brazil, the Vicente Salles Collection, located in the Museum of the Federal University of Pará in Belém, Brazil. The paper analyzes two studies of Vicente Salles: the article “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”, published in 1971, and the book *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, published in 1985. We believe that such studies are essential to understanding the production and circulation of the cordel in the Amazon.

Keywords: Amazon. Cordel literature. Vicente Salles.

#### Vicente Salles: vida e obra

“Amo também a literatura no amplo sentido. O folheto de poesia popular, o chamado cordel, é meu xodó.” (SALLES, 2013, p. 8).

Vicente Juarimbu Salles, nascido em Igarapé-Açu, estado do Pará, no ano de 1931, foi um dos intelectuais mais importantes da Amazônia na segunda metade do século XX. Formado no curso de Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia em 1966, trabalhou em diversos órgãos governamentais na área de cultura e folclore entre os anos 1960 e 1980, além de ter sido diretor do Museu da Universidade Federal

---

\* Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), distrito Mosqueiro. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com.

do Pará(MUFPA) nos anos 1990, instituindo o “Acervo Vicente Salles”, referência em temas como Folclore, Música, Cultura afro-brasileira, História, Teatro e Literatura.<sup>1</sup>

Em dezembro de 2011, Vicente Salles recebeu o título de doutor “*Honoris Causa*” pela Universidade Federal do Pará (UFPA) devido ao seu “longo trabalho na pesquisa da cultura paraense e brasileira.”<sup>2</sup> Além disso, seu nome dá título a um prêmio concedido pelo Instituto de Artes do Pará (IAP): a categoria Artes Literárias no Gênero Ensaio.<sup>3</sup>

O falecimento de Vicente Salles em março de 2013 causou intensa repercussão na imprensa<sup>4</sup> e nos meios acadêmicos paraenses. Em 15 de maio de 2013, a Associação Nacional de História/Seção Pará (ANPUH-PA) e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) realizaram um ciclo de palestras sobre as contribuições de Salles para a História da Amazônia.<sup>5</sup> Além disso, foi criado um *site* denominado “Memorial Vicente Salles”, uma espécie de memorial virtual em homenagem a Vicente Salles, com detalhes de sua vida e obra, sob a responsabilidade de Flávio Nassar.<sup>6</sup>

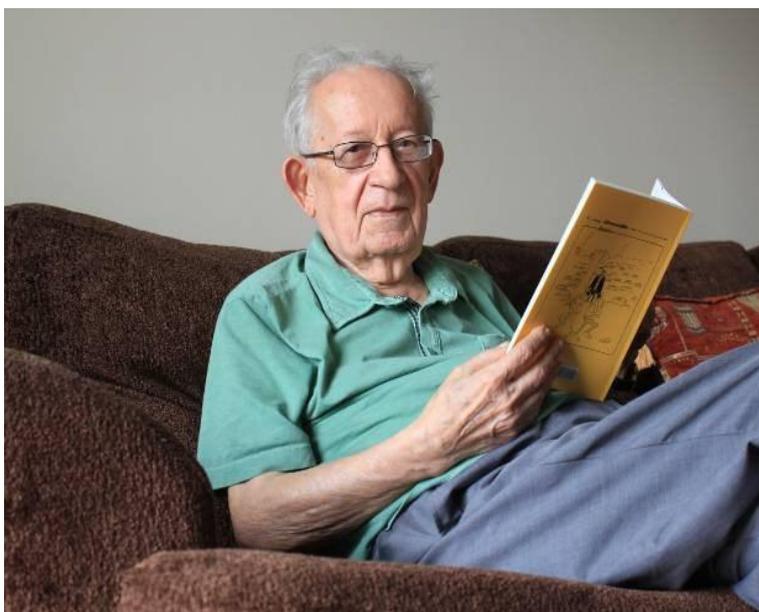
De fato, Salles contribuiu de forma intensa em vários temas relativos à Amazônia, sendo, talvez, o mais lembrado, o seu estudo sobre o negro no Pará. Sua obra *O negro no Pará sob o regime da escravidão*, publicada em 1970, foi “um marco divisor nos estudos sobre o negro na Amazônia.” Segundo Roseane Silveira de Souza, a pesquisa que resultou no livro “contrariou a tendência dos estudos antropológicos e historiográficos da época, segundo os quais a quantidade de negros escravos migrados para a Amazônia não era suficiente para assentar uma dinâmica cultural relevante.” Usando recortes de jornais, códigos de postura, autos de infração, literatura, música e imagens, Salles mostrou por onde circulavam aqueles sujeitos, como participaram ativamente do movimento da Cabanagem e, finalmente, como contribuíram para a formação cultural, política e econômica da região amazônica. (SOUZA, 2013, pp. 189-190).

As pesquisas de Salles não se restringiram ao tema do negro. Incluíam temas diversos, como a música erudita e popular, política, humor, teatro, artesanato, etc.<sup>7</sup> Diante disso, a produção intelectual de Vicente Salles também se tornou objeto de pesquisas.<sup>8</sup>

O objetivo deste artigo é o de analisar as contribuições de Vicente Salles para os estudos sobre a chamada literatura de cordel.<sup>9</sup> Salles foi pioneiro nas pesquisas sobre a produção da literatura de cordel na Amazônia. As contribuições mais importantes de Salles nesse campo são o artigo “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”, publicado

em 1971, e o livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, publicado em 1985. Desde então Vicente Salles aparece como referência fundamental, seja em trabalhos que apenas façam menção à presença do cordel fora da região Nordeste, seja em outros que tomam o cordel da Amazônia como objeto de estudo específico.<sup>10</sup>

Antes de analisar os textos de Vicente Salles sobre a literatura de cordel, é necessário entender a sua relação pessoal com o cordel e o contexto em que ele realizou as suas pesquisas, que está relacionado ao chamado “movimento folclórico brasileiro”.



**Fig. 1:** Vicente Salles (1931-2013). Disponibilidade em: <http://vicentesalles.wordpress.com/imagens/>> Acesso em: 29 set. 2013.

### **A literatura de cordel na vida de Vicente Salles**

Vicente Salles nasceu em Igarapé-Açú, mas viveu a maior parte de sua infância no município de Castanhal, localizado na região nordeste do Pará. A leitura sempre esteve presente na vida de Salles. Seu gosto por histórias tem origem na sua ama de leite, Maria Pretinha, “notável contadeira de estórias” (SALLES, 2007, p. 5). Dela, Salles ouvia contos e romances tradicionais.

O pai de Vicente, Clóvis de Mello Salles, foi um grande incentivador do filho na questão da leitura. Clóvis era um ‘poeta municipal’, “gostava de fazer discursos, editou um jornal em Castanhal, possuía pequena biblioteca” (SALLES, 2007, p. 5). Na biblioteca do pai, Salles leu, dentre outras obras, *Werther*, de Goethe, *D. Quixote*, de

Cervantes, a coleção completa de Júlio Verne, autores como Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz e José de Alencar. (SALLES, 2007, p. 6). Além das leituras de obras consideradas clássicas, Salles também teve contato com a literatura de cordel. Vale a pena a transcrição completa de como Salles apresenta as suas primeiras recordações do contato com o cordel:

Folhetos de cordel conheci também aqueles adquiridos por meu pai de vendedores ambulantes que apareciam em Castanhal. Quando ia a Belém adquiria folhetos da Guajarina, histórias de heróis e valentões. Os chamados “romances de cordel”. Ele lia alto, quase cantando, todinho. Acho que eram descartáveis, pois ele não os guardava na estante. Em geral, folhetos nordestinos. Meu pai gostava porém de Zé Vicente, poeta paraense, seu amigo, que versava temas políticos e da atualidade, como *O golpe de seu Gegê ou o choro dos deputados* e principalmente a *Peleja de Armando Sales e Zé Américo*. (SALLES, 2007, p. 11).

Algumas considerações podem ser feitas a partir das recordações de Vicente Salles: o primeiro ponto a destacar é que a leitura dos folhetos não era uma leitura individual e tinha uma estreita relação com a oralidade, já que o pai de Salles “lia alto, quase cantando, todinho”. O fato de a leitura ser “quase cantando” talvez esteja relacionado à estrutura dos versos do cordel, que é produzida a partir de rimas, o que facilitaria uma leitura recitada ou cantada. Assim, a leitura ser em voz alta pressupõe que ela era realizada acompanhada por um público de ouvintes.

Outro ponto importante é o tipo de histórias que Salles ouvia, com temas diversos: “histórias de heróis e valentões”, além de temas políticos e da atualidade, como os folhetos do poeta Zé Vicente. Por fim, os folhetos não tinham o mesmo estatuto que um livro, eram “descartáveis”, pois não eram guardados na estante. Mas isso não significa que eles não tinham importância: mesmo sem serem guardados, eles podiam ser emprestados. Além do mais, a principal função já tinha sido realizada: a leitura do folheto, cuja história era conhecida a partir do acompanhamento da leitura em voz alta por outra pessoa. Desse modo, percebe-se que Salles tinha boas recordações da literatura de cordel durante a sua vida em Castanhal.

Mais tarde, quando se mudou para Belém no ano de 1946 e começou a trabalhar num escritório como “bóia e auxiliar”, a literatura de cordel novamente se aproximou de Vicente Salles. O escritório localizava-se próximo da sede da editora Guajarina, principal editora de folhetos do Norte do Brasil. Além disso, Salles conheceu dois personagens ligados ao mundo do cordel: o poeta paraibano Romeu Mariz, que escrevia folhetos sob o pseudônimo de Dr. Mangerona-Assu; e o artista plástico Antônio Ângelo de Abreu Nascimento, o mestre Angelus, que foi o principal capista dos folhetos da

Guajarina, produzindo caricaturas para a editora. A importância desses dois personagens é ressaltada por Salles, que afirma que “minha vida ficou amarrada ao cordel por meio desses barbantes, ao que parece inquebrantáveis.” (SALLES, 2007, p. 13). De fato, o cordel continuou a fazer parte da vida de Vicente Salles. Dessa vez, de sua vida profissional.

### **As pesquisas de Vicente Salles no contexto do “movimento folclórico brasileiro”**

Em 1954, Vicente Salles se muda para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, sua vida se transforma. Ele se casa, cursa a faculdade de Ciências Sociais e começa a trabalhar em órgãos federais. Faz contatos com o folclorista Edison Carneiro, que o influencia nas suas pesquisas sobre o negro no Pará. De 1961 a 1972 trabalhou na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, organizou a Biblioteca Amadeu Amaral e foi redator da Revista Brasileira de Folclore. (SALLES, 2007, p. 18).

O contexto em que Salles inicia e realiza as suas diversas pesquisas está relacionado a um movimento de vários intelectuais preocupados com a questão do folclore brasileiro, o chamado “movimento folclórico brasileiro” em meados do século XX.<sup>11</sup>

Em outro artigo tratamos do contexto da produção intelectual de Vicente Salles.<sup>12</sup> Aqui, cabe dizer que nesse contexto, de meados do século XX, o cordel é visto pelos folcloristas como objeto do folclore, como expressão da cultura popular. Segundo Vilma Mota Quintela, os estudos da literatura de cordel surgidos entre as décadas de 1950 e 1970 têm como principais antecedentes no século XX “os trabalhos sobre a cantoria e o cancionário nordestino tradicional assinados por Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso, Leonardo Mota e, especialmente, Câmara Cascudo.” (QUINTELA, 2005, p. 12). Conforme aponta Quintela, tais estudos passam a expressar uma “supervalorização do suposto vínculo genealógico entre a literatura de bancada nordestina e o antigo cordel português”, além da ideia do caráter “genuinamente nacional” dos folhetos nordestinos. (QUINTELA, 2005, p. 12).

Desse modo, cabe destacar a influência de Câmara Cascudo. A concepção do cordel como objeto do folclore e a sua ligação com a questão da identidade nacional já vinha sendo discutida por Luís da Câmara Cascudo desde a década de 1930. Câmara Cascudo trabalha com a ideia de “Literatura do Povo”, que poderia ser dividida em três gêneros distintos: a “Literatura Oral, a Popular e a Tradicional”. O cordel estaria inserido no campo da “Literatura Popular”, que é “impressa, tendo ou não autores

sabidos, identificáveis.” Segundo Câmara Cascudo, essa Literatura Popular “é reflexo poderoso da mentalidade coletiva em cujo meio nasce e vive”, retrato do seu “temperamento, predileções, antipatias, fixando o processo de compreensão, do raciocínio e do julgamento que se tornará uma atitude mental inabalável.” (CASCUDO, 1979, pp. 12-13). Nessa perspectiva, o cordel representava uma cultura popular que estaria ligada à construção da identidade nacional. Assim como outras pesquisas sobre o cordel no contexto do “movimento folclórico”, Vicente Salles também é influenciado por Câmara Cascudo.

Vicente Salles compreende a literatura de cordel como um objeto do folclore e da cultura popular.<sup>13</sup> Em vários trechos de seus estudos encontramos uma compreensão da literatura de cordel como sendo uma “literatura popular”, “poesia popular”, objeto das “camadas populares”. Salles afirma, por exemplo, que “o fato de se apresentar impresso e quase sempre com autor declarado, ou reconhecível, não tira do folheto o caráter e sentido folclórico.” (SALLES, 1985, p. 26).

Nesse sentido, entendendo o contexto que Vicente Salles produziu suas pesquisas sobre o cordel, contexto em que se tinha a concepção do cordel como objeto do folclore, passamos então para a análise de dois trabalhos pioneiros de Salles que contribuíram para os estudos sobre a literatura de cordel no Pará: o artigo “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes” e o livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*.

### “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”

“Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”, publicado em 1971 na *Revista Brasileira de Cultura* é o primeiro trabalho sobre a literatura de cordel produzida na Amazônia.<sup>14</sup> Este artigo pioneiro de Vicente Salles trata da trajetória da Guajarina, editora localizada em Belém, criada em 1914 pelo pernambucano Francisco Lopes.<sup>15</sup> Salles considera a Guajarina como um “fenômeno”, e que a “larga repercussão de seus folhetos, o grande consumo de literatura popular, em verso ou prosa, atestado pelas numerosas e sucessivas edições” estava exigindo estudo mais profundo. Contudo, este estudo não é exclusivamente sobre cordel. Salles estuda as outras produções da editora Guajarina, como a revista literária *Guajarina* e os folhetos de modinhas, que continham “letras” das “canções seresteiras muito em voga no momento.” (SALLES, 1971, p. 89).

O artigo de Salles chama a atenção para a relação entre a migração nordestina para a Amazônia no fim do século XIX e início do XX, e a difusão da “literatura

popular em verso”. Em Belém, por exemplo, havia bairros de “alagoanos” e “cearenses”.<sup>16</sup> A presença de nordestinos na Amazônia gerou “um grande mercado consumidor de poesia ou da literatura popular em verso praticamente inexplorado.” (SALLES, 1971, p. 90).

Percebe-se também no estudo de Salles a relação entre a presença dos cantadores nordestinos na Amazônia e o gosto pela literatura de cordel. Salles aponta que “famosos poetas populares do Nordeste tiveram sua experiência na Amazônia e lá encontraram motivos para poetar e pelear.” (SALLES, 1971, p. 95). Dentre esses cantadores, é importante citar a passagem do Cego Aderaldo pelo Pará. Em suas memórias, Cego Aderaldo afirma que conheceu muitos cantadores no Pará: em particular trata de um desafio que fez com um paraense, um índio de nome Azuplin, na cidade de Bragança no ano de 1919. Azuplin tocava instrumentos típicos do Pará, como a viola, o ganzá e o tamborim. No entanto, para Vicente Salles, esse desafio “deixa algumas dúvidas sobre sua autenticidade.” (SALLES, 1971, p. 98). O exemplo de Cego Aderaldo é importante porque mostra que quando Francisco Lopes iniciou as atividades da Guajarina, ele encontrou condições muito propícias, pois já havia uma difusão da cultura nordestina na Amazônia.

O artigo de Vicente Salles destaca que a Guajarina alcançou ampla repercussão na venda de folhetos. Os folhetos da editora paraense podiam ser adquiridos em vários estados do Brasil, como no Amazonas, Acre, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

No artigo “Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes”, Vicente Salles se baseia em farta documentação ao tratar especificamente do cordel produzido pela editora paraense. Além dos folhetos de cordel, Salles utiliza como fontes os folhetos de modinha e a revista *Guajarina* para obter mais informações sobre a quantidade de folhetos produzidos pela editora. Outra fonte utilizada por Salles foi a entrevista que realizou com Amadeu Nylander Lopes, filho de Francisco Lopes, do qual conseguiu informações e “apreciável documentação”, além da entrevista com o folheteiro e poeta Raimundo Oliveira.

Essa ampla documentação permite dizer que, em 1920 o catálogo da Guajarina possuía 35 títulos de folhetos. Sobre os temas dos folhetos, Salles afirma que tratavam das “estórias tradicionais do Nordeste, geralmente inspiradas na literatura europeia medieval”, as proezas de Lampião e Antonio Silvino, os feitos extraordinários do Padre

Cícero e muitas pejejas. Havia também temas de caráter político e assuntos regionais, fatos acontecidos no Pará e em Belém.

Salles também chama a atenção para a importância dos folhetos de cordel como meio de comunicação:

Mostra da importância do folheto como meio de comunicação é a versificação dos acontecimentos mais recentes, como a guerra europeia e o envolvimento do Brasil no conflito. (SALLES, 1971, p. 99).

A Guajarina dedicou amplo espaço aos folhetos sobre os “últimos acontecimentos”. Como exemplo disso, a editora publicou ainda em 1930 o folheto *A Revolução Vitoriosa*, que trata da chamada Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder. Assim, os folhetos também eram uma espécie de “jornal popular”.

Vicente Salles finaliza destacando o contexto do cordel quando da produção do artigo (início dos anos 1970) no Pará. Naquele momento a editora Guajarina não existia mais: “o caminho desbravado por Francisco Lopes está hoje quase abandonado.” Outras editoras ainda publicavam folhetos, como a Tipografia Sagrada Família, de José Marques dos Santos, “mas sem adquirir o caráter tão típico e peculiar das ‘folhetarias’ nordestinas.” (SALES, 1971, p. 101).

Apesar desse contexto de menos prestígio para o cordel na Amazônia se comparado aos anos de atuação da Guajarina, Salles reconhece que “permanece pois ainda em nossos dias o interesse popular pela literatura de cordel”.<sup>17</sup> Os folhetos podiam ser adquiridos no Mercado de Ferro do Ver-o-Peso em Belém, no “aparador” de Raimundo Oliveira. No entanto, Salles lamenta que poucos folhetos eram produzidos por poetas locais, a grande maioria era importada do Nordeste.

### **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**

A obra *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, ganhou o prêmio Sílvio Romero em 1981, do Instituto Nacional do Folclore, sendo então publicada em 1985, tornando-se uma obra de referência nos estudos sobre a literatura de cordel na Amazônia. Nessa obra, Vicente Salles faz um estudo mais aprofundado da literatura de cordel na Amazônia, especialmente no Pará, relacionando-a com a migração nordestina. Segundo Rosilene Melo, “este foi um dos primeiros trabalhos de análise histórica sobre a edição do cordel no Brasil.” Trata-se de um estudo que, “partindo da história da tipografia Guajarina, mostra como a migração para a Amazônia contribuiu para o surgimento de uma literatura de cordel no Norte do país.” (MELO, 2010, p. 68).



**Fig. 2:** Capa do livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, de Vicente Salles. Disponibilidade em: <<http://joaojorgereis.blogspot.com.br/2011/11/homenageando-vicente-salles.html>> Acesso em: 29 set. 2013.

Salles inicia a obra criticando José Veríssimo, um dos mais importantes intelectuais da Amazônia do fim do século XIX e início do XX. Veríssimo, segundo Salles, teria considerado a poesia popular da Amazônia como “pobre”. O padrão poético seguido por Veríssimo era o europeu: assim, se havia uma “pobreza imensa da poesia brasileira”, “pobreza maior encontrava-se na Amazônia” (SALLES, 1985, pp. 15-16). Salles assim resumia suas críticas à Veríssimo:

É errado pensar, como pensou José Veríssimo, que o povo da Amazônia não é dado a versejar; que seu cancionero é pobre e destituído de originalidade; que não conservou como todos os povos ibero-americanos o romanceiro tradicional. (SALLES, 1985, p. 17).

Um dos fatores que teria levado Veríssimo a cometer tais enganos, segundo Salles, era a “precariedade das pesquisas (sobre poesia popular), então quase inexistentes” (SALLES, 1985, p. 17). Apesar disso, Salles reconhece que José Veríssimo “foi o primeiro a ocupar-se, no Pará, do estudo da poesia popular”, com as trovas coletadas no Marajó e outros versos populares, entre eles, “uma versão do romance *Nau Catarineta* que recolheu entre os índios Maué” (SALLES, 1985, pp. 17-18).

Além de Veríssimo, Vicente Salles também critica José Carvalho, que produziu a obra *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, em 1930. O trabalho de José Carvalho, que trata da poesia oral produzida no Nordeste e na Amazônia, recebe muitos questionamentos de Vicente Salles, que afirma que Carvalho errou “por excesso de bairrismo, quiçá, etnocentrismo” (SALLES, 1985, p. 18).

Vicente Salles critica José Carvalho, ao dizer que “a visão estereotipada de um (o matuto cearense) e de outro (o caboclo do Pará) não lhe permitiu sequer verificar que ele próprio, saltando as fronteiras das combinações políticas ou regionais, havia de se modificar.” Salles acrescenta ainda que “o erro de José Carvalho está em pretender encontrar, na Amazônia, cantadores de desafios, pelejas ou pé-de-violão que pudessem ‘igualar-se’ aos cantadores sertanejos do Nordeste” (SALLES, 1985, pp. 18-19). Nessa comparação, José Carvalho também teria considerado “pobre” a produção folclórica em verso do caboclo amazônico.

Dessa maneira, ao realizar um breve resumo historiográfico sobre a poesia popular, Salles afirma que “desde José Veríssimo, os estudos sobre poesia popular na Amazônia não se desenvolveram” (SALLES, 1985, p. 20). Portanto, a obra *Repente e cordel* se apresentava como uma resposta à essa ausência de estudos, e uma forma de contestar a ideia de que a poesia popular produzida na região era “pobre”.

Aqui cabe um rápido comentário. Apesar da literatura de cordel ser o foco principal da obra, Vicente Salles, seguindo Câmara Cascudo, considera o cordel como fazendo parte da chamada literatura popular, ao lado de outras categorias de poesia:

O repente ou improviso, o mote e a glosa, a trova solta, o romance, a modinha ou a toada, todo aquele repertório imenso que não espera ocasião propícia para se manifestar e acontece em qualquer circunstância, sob qualquer pretexto, compõem, além disso, o universo desta literatura. (SALLES, 1985, p. 21).

Constata-se que, para Vicente Salles, entender somente a literatura de cordel não era suficiente. Era necessário também analisar o repente, e outras formas de poesia oral. Dessa maneira, Salles aponta que a existência de modelos locais ou regionais de poesia popular ditas em forma de desafio ou porfia, “constituiu talvez um dos pré-requisitos para a aceitação e conseqüente incorporação do modelo nordestino.” O transplante do modelo nordestino de cantoria e de poesia impressa não deve ser visto isolado de seu principal agente de criação e difusão: “o cantador e, principalmente, o poeta que se deslocou dos sertões do Nordeste para o interior da Amazônia” (SALLES, 1985, pp. 91-92):

O homem espalha cultura. Cantadores, violeiros e poetas nordestinos se aventuraram nas plagas amazônicas, tangidos do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Alagoas, Pernambuco. Como a imigração favoreceu o desenvolvimento do mercado consumidor de poesia, a literatura de cordel também se derramou na planície. (SALLES, 1985, p. 93).

Salles chama a atenção para o fato de que o fluxo de cordelistas e cantadores nordestinos para a Amazônia “tornou significativa a presença do Nordeste no folclore

regional”, além da “incorporação dos estilos e tendências da poesia sertaneja ao folclore amazônico” (SALLES, 1985, p. 103).

Vicente Salles não compreendia o folclore como algo estático. Em outro artigo, denominado “Questionamento teórico do folclore”, Salles afirmou que, em resumo, o folclore é “dinâmico na sua essência – está em constante transformação, dialeticamente “é” e “não é” o mesmo fenômeno ao mesmo tempo, como em geral acontece com todos os fenômenos sociais” (SALLES, 1969, pp. 880-881). Desse modo, a cantoria e o cordel do Nordeste, como objetos do folclore, aparece na Amazônia “ora transplantada, ora aqui reelaborada” (SALLES, 1985, p. 103). Nesse sentido, o cordel na Amazônia tinha um caráter dinâmico, sendo influenciado pelas outras formas de literatura oral, tanto da própria região, quanto do Nordeste.

Passando à análise dos temas tratados na literatura de cordel que circulou na Amazônia, Vicente Salles destaca a influência do meio ambiente amazônico. Ele divide esses temas em alguns “ciclos”, como: “o ciclo do seringal”, “o burgo agrícola”, “o Peonato e o ciclo do ouro da Serra Pelada”. No entanto, Salles chama a atenção para a idealização do cenário da Amazônia em alguns folhetos:

Embora *cenário*, muita vez a paisagem amazônica, com seus tipos e costumes, é apenas *idealizada* pelo poeta cantador e cordelista. Há casos em que a autenticidade da paisagem nordestina prevalece sobre a amazônica, o que parece ser não falta de informação e conhecimento pessoal do ambiente, mas a persistência de valores locais de tal forma dominantes que permite ao poeta “ambientar no cenário que lhe é familiar fatos históricos, lendários e até mesmo motivos inspirados nos textos bíblicos. (SALLES, 1985, p. 109).

Além dos ciclos influenciados pelo ambiente amazônico, Vicente Salles destaca dois temas sobre os chamados “últimos acontecimentos”: “o ciclo das revoluções” e os folhetos sobre a Segunda Guerra Mundial.

“O ciclo das revoluções” trata dos levantes nos quartéis ocorridos na República Velha, como a quartelada de 1924, o levante do 26º Batalhão de Caçadores em Belém, além da Revolução de 1930. É interessante notar que vários folhetos de apoio a essas revoltas foram censurados e apreendidos pelo governo. Por esse motivo, os nomes dos poetas não saíam nestes folhetos, já que “o anonimato, como o artifício do pseudônimo, é recurso defensivo compreensível naquela época e naquelas circunstâncias”. Os poetas “não desejavam expor-se a eventuais perseguições políticas” (SALLES, 1985, p. 227).

Os folhetos sobre a Segunda Guerra Mundial analisados por Vicente Salles são a coleção de 12 folhetos lançados pela editora Guajarina em dezembro de 1942. Salles aponta que tais folhetos “mostram a habilidade do poeta popular em informar seus

leitores e, de alguma forma, contribuir para a formação da opinião pública” (SALLES, 1985, p. 239).

Em nossa opinião, a principal contribuição de Vicente Salles na obra *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia* é a apresentação que ele faz dos poetas paraenses no capítulo III, “Poetas da Amazônia – A reelaboração regional”. Trata-se de um importante levantamento biobibliográfico de vários poetas paraenses (nascidos ou radicados no Pará) que produziram cordel, a maioria dos quais sequer conhecidos dos pesquisadores até o lançamento da obra.

Dentre os poetas apresentados por Salles, destacam-se os que ele denomina como sendo a “primeira geração” dos poetas paraenses: Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa, Arinos de Belém e Zé Vicente. Tais autores, que produziram entre os anos 1920-1940 eram ligados à editora Guajarina, de Francisco Lopes. A escolha desses cinco poetas por Salles justifica-se devido ao fato de que “alcançaram indiscutível prestígio entre os leitores dessa literatura” (SALLES, 1985, p. 165).

O aspecto mais curioso constatado por Salles em relação a esses poetas é que a maioria deles utilizava-se do recurso do pseudônimo: Ernesto Vera era o pseudônimo de Ernani Vieira; Dr. Mangerona-Assu, de Romeu Mariz; Arinos de Belém, de José Esteves; e Zé Vicente, de Lindolfo Mesquita. Apenas Apolinário de Sousa utilizava o seu verdadeiro nome nas publicações de folhetos de cordel. Trata-se de uma particularidade dos poetas paraenses, já que no Nordeste os poetas não recorriam ao recurso do pseudônimo, utilizando os seus verdadeiros nomes nos folhetos.

Para Vicente Salles, uma das razões para a utilização dos pseudônimos pelos poetas paraenses é de que havia certa reserva ao trabalho da editora Guajarina e “aqueles intelectuais ‘menores’ – ou de ‘meia-tigela’ – que giravam em torno das iniciativas de Francisco Rodrigues Lopes.” Assim sendo, os poetas de cordel atraídos pela Guajarina, “eram tidos como ‘menores’” (SALLES, 1985, p. 166). Desse modo, segundo a perspectiva de Vicente Salles, os poetas utilizavam o recurso do pseudônimo em virtude do preconceito em relação ao cordel que se tinha na época.<sup>18</sup>

Outro fato interessante que percebemos dos poetas paraenses a partir do estudo de Salles, é que eles não viviam apenas da produção da literatura de cordel, ao contrário dos poetas do Nordeste, como Leandro Gomes de Barros. Os poetas do Pará tinham vasta produção literária e jornalística e circulavam em vários meios: Ernani Vieira, que tinha o pseudônimo de Ernesto Vera, fazia parte de uma sociedade literária criada em 1921, a “Associação dos Novos”, e escrevia na revista *Belém Nova*, de Bruno de

Menezes, além de escrever na revista *Guajarina*; Romeu Mariz, cujo pseudônimo era Dr. Mangerona-Assu, foi articulista do jornal *A Província do Pará*, secretariou o *Correio de Belém*, foi diretor-proprietário da revista *Caraboo*, redator da revista *A Planice* e, ainda, redator principal de *O Dia*. Fez parte ainda da Academia Paraense de Letras, eleito em 1944. (SALLES, 1985, p. 172). Já José Esteves, que utilizava o pseudônimo de Arinos de Belém teve atividades diversificadas no jornalismo, colaborando principalmente nas revistas *Guajarina* e *A Semana* (SALLES, 1985, p. 185).

O caso mais significativo é o de Lindolfo Marques de Mesquita, que utilizava o pseudônimo de Zé Vicente, o “mais afortunado dos cinco poetas da primeira geração de cordelistas”. Durante longo tempo, quando jovem, fez jornalismo. Repórter da *Folha do Norte*, criou a coluna com crônicas humorísticas “Na polícia e nas ruas”. Passou depois para o jornal *O Estado do Pará* (SALLES, 1985, pp. 188-189). Zé Vicente também escrevia para diversas revistas literárias, como *A Semana*, *Pará Ilustrado*, além de ter sido diretor do panfleto humorístico *Jazz Brando*. Segundo Salles, Lindolfo Mesquita chegou a aposentar-se como ministro do Tribunal de Contas, mas, “ao que parece, repudiou o cordel quando se elevou a tão alto posto” (SALLES, 1985, p. 188).

Salles aponta a diversidade de temas abordados pelos poetas paraenses:

No cordel, o poeta narrou não só a tragédia dos seringais. Todos os motivos locais e nacionais, reais ou fictícios, atuais ou pretéritos, tradicionais ou não, fazem nascer dezenas de folhetos em versos. O poeta terá ocasião de se reportar aos acontecimentos do dia-a-dia, da espolição do seringueiro à conquista do Acre; o cordel nos fará compreender as lutas e vicissitudes populares, nos seringais, nas colônias e nas cidades amazônicas.  
(...) Ora, quer isto dizer que o cordel se tornara uma extraordinária fonte de informação e formação da opinião popular. (SALLES, 1985, p. 167).

A abordagem de Vicente Salles aproxima-se de Joseph Luyten, que considera o poeta de cordel como um “jornalista popular” (LUYTEN, 1992).

Além dos poetas da “primeira geração”, Vicente Salles cita vários outros que produziram folhetos após o fim da editora Guajarina: José Cunha Neto, Manuel Pereira de Melo, Celso Macedo, Lucemir Botelho Malcher, Raimundo Lima, Antônio de Barros, Manuel Lourenço Alves, João do Couto, Américo Marcelino de Freitas. “Pernambuco”, Severino Simeão e Adalto Alcântara Monteiro. Tais nomes são um importante registro da produção de literatura de cordel daqueles que continuaram a versejar mesmo sem uma editora do porte da Guajarina. Desse modo, Salles traz à tona autores que estão fora do cânone literário, mas que atingem um amplo público de leitores.

### Considerações finais

Este artigo buscou mostrar um pouco das contribuições de Vicente Salles aos estudos da literatura de cordel na Amazônia. Utilizamos o termo “um pouco” em virtude de que os escritos de Salles não se reduzem ao artigo e ao livro citados, além de que a análise aqui realizada não é completa, e nem pretende ser um ponto final, mas antes um ponto de partida aos que queiram compreender o cordel produzido na Amazônia.

Trata-se também de uma homenagem deste autor a Vicente Salles, que influenciou bastante em nossos estudos sobre a literatura de cordel no Pará.<sup>19</sup> Sem os folhetos coletados por Salles ao longo de sua trajetória, e sem a produção do folclorista, possivelmente os estudos sobre o cordel na Amazônia ainda estivessem num profundo silêncio, com o cordel sendo identificado apenas à região Nordeste do Brasil. De fato, Salles tornou visíveis os poetas que produziram folhetos, e muitas histórias escritas por estes poetas.

Este artigo também busca chamar a atenção para a necessidade de uma reedição da obra *Repente e cordel*. Obra originalmente publicada em 1985 há muito está esgotada, sendo somente encontrada em sebos e algumas bibliotecas universitárias. Nesse sentido, percebemos uma certa “marginalização” dos estudos sobre o cordel dentro da produção intelectual de Salles. Obras como *O Negro no Pará* e *Música e músicos do Pará* já foram reeditadas, e são sempre citadas nos trabalhos sobre Vicente Salles. Nesse sentido, há uma valorização maior dos estudos de Salles sobre o negro e a música em detrimento do cordel.

Cabe dizer que Vicente Salles deixou um legado inestimável no campo da literatura de cordel. Concordamos com Roseane Souza, quando afirma que “é de se ressaltar que a morte põe um ponto final em sua atividade de pesquisa, mas não necessariamente em sua obra” (SOUZA, 2013, p. 193). Apesar de Roseane Souza não citar dentre as obras inéditas que Salles deixou, nenhuma sobre a literatura de cordel (não descartamos a possibilidade de ser descoberto futuramente algum escrito de Vicente Salles sobre a literatura de cordel), sabemos que ele tinha um carinho especial pelo cordel, como afirmou certa vez: “o folheto de poesia popular, o chamado cordel, é meu xodó”. Tal sentimento sem dúvida contribuiu para que os seus estudos fossem tão ricos e apontassem várias perspectivas para os futuros pesquisadores do cordel na Amazônia.

## Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1979.

CURRAN, Mark. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MAFRA, Alessandra Regina e Souza. **O arauto da cultura paraense: uma história intelectual de Vicente Salles**. (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará**. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2008

\_\_\_\_\_. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

\_\_\_\_\_. A exclusão do cordel do cânone literário paraense: uma discussão sobre literatura de cordel, cultura popular e folclore. **Revista de Estudos Amazônicos**. v. VII, pp. 198-236, 2012.

OLIVETO, Karla Aléssio. **Vicente Salles: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em Música**. Dissertação (Mestrado em Música em Contexto) - Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007.

QUINTELA, Vilma Mota. **O cordel no fogo cruzado da cultura**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2005.

SALLES, Vicente. Questionamento teórico do Folclore. **Separata das Vozes**. Ano 63, n. 10, outubro de 1969.

\_\_\_\_\_. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9.

\_\_\_\_\_. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

\_\_\_\_\_. **Um retrospecto – memória.** 2 ed. revista e ampliada. Brasília: MicroEdição do autor, 2007.

\_\_\_\_\_. O quixote que veio do Caripi. Entrevista de Vicente Salles a Elias Ribeiro Pinto em 2002. Reproduzida em: Caderno “Você”. **Diário Do Pará**, 10 mar. 2013.

SOUZA, Roseane Silveira de. Vicente Juarimbu Salles (1931-2013): o tempo vence o homem, não a obra. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.** Belém, v. 8, n. 1, jan.-abr. 2013.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930).** São Paulo: Global Editora, 1983.

VICENTE, Zé. **Zé Vicente: poeta popular paraense.** Introdução e seleção Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964).** Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

**Fig. 1:** Vicente Salles (1931-2013). Disponibilidade em: <<http://vicentesalles.wordpress.com/imagens/>> Acesso em: 29 set. 2013.

**Fig. 2:** Capa do livro *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*, de Vicente Salles. Disponibilidade em: <<http://joaojorgereis.blogspot.com.br/2011/11/homenageando-vice-nto-salles.html>> Acesso em: 29 set. 2013.

## Notas:

<sup>1</sup>Sobre o Acervo Vicente Salles, localizado na biblioteca do Museu da UFPA, ver <<http://www.ufpa.br/museufpa/index.php?link=3>> Acesso em: 10 set. 2013.

<sup>2</sup> Ver “Vicente Salles recebe título de doutor “Honoris Causa”. Disponibilidade em: <<http://portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=5304>> Acesso em: 10 set. 2013.

<sup>3</sup> Ver “Vicente Salles será homenageado pelo IAP dando seu nome ao prêmio IAP de artes literárias no gênero ensaio.” Disponibilidade em: <<http://www.iap.pa.gov.br/index.php/noticias/83-destaques/97-vice-nto-salles-sera-homenageado-pelo-iap-dando-seu-nome-ao-premio-iap-de-artes-literarias-no-genero-ensaio>> Acesso em: 29 set. 2013.

<sup>4</sup> Ver “Morre o pesquisador paraense Vicente Salles, aos 81 anos.” Disponibilidade em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/03/morre-o-pesquisador-paraense-vice-nto-salles-aos-81-anos.html>> e “O legado de Vicente Salles” Disponibilidade em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-166825-O+LEGADO+DE+VICENTE+SALLES.html>> Acesso em: 10 set. 2013.

<sup>5</sup> Ver “Historiador Vicente Salles recebe homenagem.” Disponibilidade em: <<http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=7603>> Acesso em: 12 set. 2013.

<sup>6</sup> O site “Memorial Vicente Salles” pode ser consultado em: <<http://vicentesalles.wordpress.com/>> Acesso em: 03 nov. 2013.

<sup>7</sup> Para uma relação completa dos livros, artigos e microedições publicados por Salles, ver SALLES, Vicente. *Um retrospecto – memória.* 2 ed. revista e ampliada. Brasília: MicroEdição do autor, 2007.

<sup>8</sup> Ver OLIVETO, Karla Aléssio. **Vicente Salles: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em Música.** Dissertação (Mestrado em Música em Contexto)- Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007; MAFRA, Alessandra Regina e Souza. **O arauto da cultura paraense: uma história intelectual de Vicente Salles.** (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará – UFPA,

Belém, 2012. Além de Roseane Silveira de Souza, que atualmente desenvolve tese de doutorado com o projeto “O Cidadão e a Poronga: a peleja de Vicente Salles contra a exclusão do negro no Pará”.

<sup>9</sup> Márcia Abreu afirma que para adequar-se à ‘estrutura oficial’ da literatura de cordel, um texto deve ser escrito “em versos setessilábicos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Deve seguir um “esquema fixo de rimas e deve apresentar um conteúdo linear e claramente organizado”. Deve, portanto, ter “rima, métrica e oração.” (ABREU, 1999, p. 119). O principal suporte do cordel é o ‘folheto’, que é impresso em papel pardo, de má qualidade, medindo de 15 a 17 x 11 cm. Nas capas se estampam o nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia impressora e seu endereço. Algumas vezes, a data de publicação, o preço, a indicação do local de venda (TERRA, 1983, p. 23), além de uma imagem representando o tema da história. Em relação ao número de páginas, Joseph Luyten aponta que o folheto é feito a partir de uma folha tipo sulfite dobrada em quatro. Por isso, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito, já que cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas. (LUYTEN, 2005, p. 45).

<sup>10</sup> Entre os trabalhos que tomam o cordel na Amazônia como objeto de estudo, ver na área de Letras: BORGES, Janete da Silva. **Discurso amazônico no varal**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2005; CARVALHO, Ana Maria de. **Literatura de cordel: entre versos e rimas sotádicos e sacânicos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2010. Na área de História, ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

<sup>11</sup> Tal expressão é utilizada por Luís Rodolfo Vilhena em pesquisa sobre a atuação dos folcloristas no campo intelectual brasileiro no período 1947-1964. Esse “movimento folclórico” tinha como principais líderes Renato Almeida e Édison Carneiro, que ocupavam espaços nos órgãos do governo federal, tais como o IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) e a CNFL (Comissão Nacional de Folclore). VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

<sup>12</sup> Ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. A exclusão do cordel do cânone literário paraense: uma discussão sobre literatura de cordel, cultura popular e folclore. **Revista de Estudos Amazônicos**.v. VII, pp. 198-236, 2012. Disponibilidade em: <[http://www3.ufpa.br/ifch/Geraldo\\_Menezes\\_8.pdf](http://www3.ufpa.br/ifch/Geraldo_Menezes_8.pdf)> Acesso em: 29 set. 2013.

<sup>13</sup> Outros pesquisadores contemporâneos de Vicente Salles também partilhavam da mesma compreensão do cordel a partir do folclore, como um objeto do povo, mesmo os que não faziam parte diretamente do “movimento folclórico brasileiro”. Um exemplo disso é o pesquisador norte-americano Mark Curran, que veio ao Brasil nos anos 1960-70 para estudar a literatura de cordel. Para Curran, o cordel é um objeto “folclórico-popular”, sendo da “cosmovisão do homem comum”. O valor desta literatura para o autor, “não reside apenas na qualidade humilde da poesia em si, mas no *dizer* de um povo e de uma nação.” Curran também acrescenta que o cordel é o “produto dos brasileiros pobres e desprivilegiados, é a história ‘não oficial’ de grande parte do Brasil, isto é, o retrato não-oficial.” (CURRAN, 2011, pp. 14-18).

<sup>14</sup> Se considerarmos o cordel como um objeto impresso, podemos dizer que o estudo de Vicente Salles é o primeiro. Se, contudo, considerarmos o cordel como uma literatura oral, podemos citar a obra de José Carvalho, *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, publicada em 1930. No entanto, Carvalho faz referência a poesia oral produzida no Nordeste e no Pará de uma forma geral, não especificando a literatura de cordel.

<sup>15</sup> Segundo Vicente Salles, Francisco Lopes nasceu em Olinda em 1878 e morreu em Belém em 1946, vivendo por mais de quarenta anos na capital paraense. Lopes tinha sido operário gráfico em Belém e em 1914 instalou sua tipografia, logo denominada Guajarina. (SALLES, 1985, p. 152).

<sup>16</sup> Na época da publicação do artigo, Salles aponta que os cearenses “ainda habitam grande parte dos ‘covões’ de São Brás e adjacências da estação da extinta Estrada de Ferro de Bragança. (SALLES, 1971, p. 90).

<sup>17</sup> Podemos relacionar essa ideia que ainda havia um interesse pelo cordel com a pesquisa de Rosilene Alves de Melo sobre a Tipografia São Francisco. Melo critica a ideia de que a literatura de cordel entrou em decadência a partir dos anos 1960 por causa da concorrência do rádio e da televisão, que teria feito com que as pessoas abandonassem o gosto pelo cordel. Sobre a crise da editora cearense, Melo aponta como fatores a concorrência com novas tipografias a partir dos anos 1960, o aumento nos custos de produção dos folhetos, inflação, modernização do setor gráfico e problemas administrativos entre os herdeiros da empresa. (MELO, 2010, p. 131). Segundo a autora, “foi mais fácil encontrar um alibi, um algoz, para responsabilizar pela crise da produção de folhetos” do que “analisar como condições

históricas singulares possibilitaram a queda das vendas e a falência das principais tipografias brasileiras.” (MELO, 2010, p. 130).

<sup>18</sup> Em nossa dissertação de mestrado, questionamos essa ideia do uso do pseudônimo por causa do “preconceito” em relação ao cordel. O pseudônimo era mais um recurso literário utilizado pelos poetas do que um meio de se esconder. Ver o exemplo de Lindolfo Mesquita, que utilizava o pseudônimo Zé Vicente em todas as suas produções, no cordel, nos jornais e nas revistas literárias. (MENEZES NETO, **Por uma história do livro e da leitura no Pará**, 2012, pp. 54-59).

<sup>19</sup> Ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará**. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2008; e MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012. Destaco também a simplicidade e humildade de Vicente Salles em ajudar os novos pesquisadores a partir de um caso pessoal: em 2007, na Feira Pan-Amazônica do Livro realizada em Belém, no qual Salles foi homenageado como patrono do evento, fui até ele pedir que realizasse uma leitura de um trabalho que iria apresentar em um congresso em São Luís ainda como graduando em História. Apesar da série de compromissos que tinha durante a Feira do Livro, além de ser constantemente “cercado” por várias pessoas a todo momento, dentre elas muitas autoridades e intelectuais paraenses, Salles leu o meu trabalho e o devolveu logo no outro dia com críticas e sugestões.

[Recebido: 16 set. 2013 / Aceito: 03 dez. 2013]